

Revisão de ações e compromissos determinados voluntariamente por signatários do Acordo de Paris mostra que é possível chegar ao fim do século com um aumento de temperatura de até 2°C. Porém, países precisam correr para atingir essa meta

Ainda há tempo

» PALOMA OLIVETO

Quando representantes de 195 países assinaram o histórico Acordo de Paris, há quase sete anos, concordaram não apenas em reduzir as emissões de gases de efeito estufa, mas que deveriam fazê-lo o mais breve possível. O documento, construído a partir de discussões direcionadas por evidências científicas, fala claramente na urgência da implementação de medidas para limitar o aumento de temperatura até o fim do século, as chamadas contribuições determinadas nacionalmente.

O acompanhamento dessas ações, contudo, mostra um ritmo tão lento que a meta mais ambiciosa — restringir a 1,5°C essa elevação, com base nos níveis pré-industriais — dificilmente será alcançada. Novas modelagens indicam, porém, que ainda é possível alcançar, ao menos, o alvo dos 2°C. A mais recente, liderada pela Universidade de Melbourne, na Austrália, afirma que o resultado do Acordo de Paris não será um fiasco, como muitos já temem. Mas, para isso, é preciso que as nações cumpram todas as promessas individuais. O que será um grande desafio, destacam os autores.

JOSE JORDAN



Alguns líderes estão dizendo uma coisa, mas fazendo outra"

Antonio Guterres,
secretário-geral da ONU

documentos científicos mais recentes do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), calcula que há possibilidade de se chegar ao fim do século com um aumento de temperatura limitado a 1,8°C e 2°C, com a implementação total das promessas. Os autores projetaram retrospectivamente o aquecimento registrado no século 21 e combinaram esses dados com o nível de ambição das metas entre 2015 e 2021. Além disso, incluíram no modelo projeções publicadas nos relatórios do IPCC. Se, por um lado, o objetivo principal do acordo poderá ser atingido, as chances do alvo mais ambicioso são praticamente inexistentes: entre 6% e 10%.

"O que nosso artigo mostra é que, se todos os países cumprirem todas as promessas de zero líquido (remover o tanto que se emite), teremos um aumento de 1,8°C a 2°C até o fim do século", explica Christophe McGlade, coautor do estudo e chefe da unidade de fornecimento de energia da AIE. "Essa é uma grande notícia, porque é a primeira vez que os governos apresentam metas específicas que podem manter o aquecimento global abaixo do nível simbólico de 2°C." A maioria dos países ricos anunciou que chegará à neutralidade de carbono até 2050, mesmo prazo apresentado pelo Brasil. A China e a Índia, importantes emissores, prometeram chegar a esse ponto em 2060 e 2070, respectivamente.

A ressalva da modelagem é que o aquecimento global só poderá ser contido se houver ação suficiente nos próximos 10 anos, e no caso de as metas de longo prazo serem cumpridas e mantidas além das datas previstas. "As metas de longo prazo devem ser tratadas com ceticismo se não forem apoiadas por compromissos

de curto prazo para que, na próxima década, os países estejam no rumo certo para atingi-los", diz Zeke Hausfather, pesquisador climático da Universidade de Berkeley, nos EUA, comentando o estudo.

Também é essencial, diz McGlade, que os países respeitem os compromissos incondicionais

BEN STANSALL



Manifestantes ambientais protestam em Glasgow: apesar do ritmo lento no cumprimento de promessas, há esperança

Palavra de especialista

"É agora ou nunca"

"É agora ou nunca. Sem reduções imediatas e profundas de emissões em todos os setores, será impossível atingir a meta do acordo. A falta de progresso global é deprimente. No entanto, o que me dá esperança é o progresso de alguns países que reduziram as emissões de gases de efeito estufa ano após ano por mais de uma década, e a queda nos custos das tecnologias solar, eólica e de bateria em até 85%. O que me dá mais esperança, porém, é o número de

peçoas que querem agir, que estão pedindo à indústria e aos governos que façam algo a respeito. Se pudermos aproveitar essa esperança em ações e investimentos rápidos, teremos as ferramentas e tecnologias para evitar os efeitos mais devastadores."

Joanna House, pesquisadora de política ambiental da Universidade de Bristol, na Inglaterra, e um dos autores do relatório mais recente do IPCC

University of Bristol/Divulgação



não ultrapassar 1,5°C por uma grande margem", destaca Malte Meinshausen, professor da Universidade de Melbourne e principal autor do artigo.

Recentemente, o secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, ressaltou que muitos países têm falado mais do que fazendo. "Alguns líderes governamentais e empresariais estão dizendo uma coisa, mas fazendo outra", afirmou, no lançamento do último relatório do IPCC. "Simplesmente, eles estão mentindo", afirmou. Segundo o documento, divulgado no início de abril, a poluição por carbono deve atingir o pico antes de 2025 e ser reduzida pela metade até 2030, para se ter uma chance de atingir a meta dos 2°C.

Se nenhum esforço adicional for feito além das promessas, a superfície da Terra "aquecerá a catastróficos 2,8°C", informou o IPCC. "O otimismo deve ser contido até que as promessas de reduzir as emissões no futuro sejam apoiadas por ações mais fortes de curto prazo", afirma Frances Moore, cientista da Universidade da Califórnia, em Davis, comentando o estudo.

Clima e uso intensivo da terra dizimam insetos

As mudanças climáticas e a agricultura já foram responsáveis por uma redução de 49% no número de insetos nas partes mais impactadas do mundo, segundo um estudo da Universidade da Califórnia, em Los Angeles (Ucla). O artigo, publicado na revista *Nature*, é o primeiro a identificar que uma interação entre o aumento das temperaturas e as alterações no uso da terra está causando perdas generalizadas em várias espécies, em todo o planeta.

"Muitos insetos parecem ser altamente vulneráveis às pressões humanas, o que é preocupante, à medida que as mudanças climáticas pioram e as áreas agrícolas continuam a se expandir. Nossas descobertas destacam a urgência de ações para preservar os habitats naturais, retardar a expansão da agricultura de alta intensidade e reduzir as emissões para mitigar as mudanças climáticas", diz o autor principal, Charlie Outhwaite. "A perda de populações

de insetos pode ser prejudicial não apenas ao ambiente natural, onde eles geralmente desempenham papéis importantes nos ecossistemas locais, mas também pode prejudicar a saúde humana e a segurança alimentar, principalmente com a perda de polinizadores."

Biodiversidade

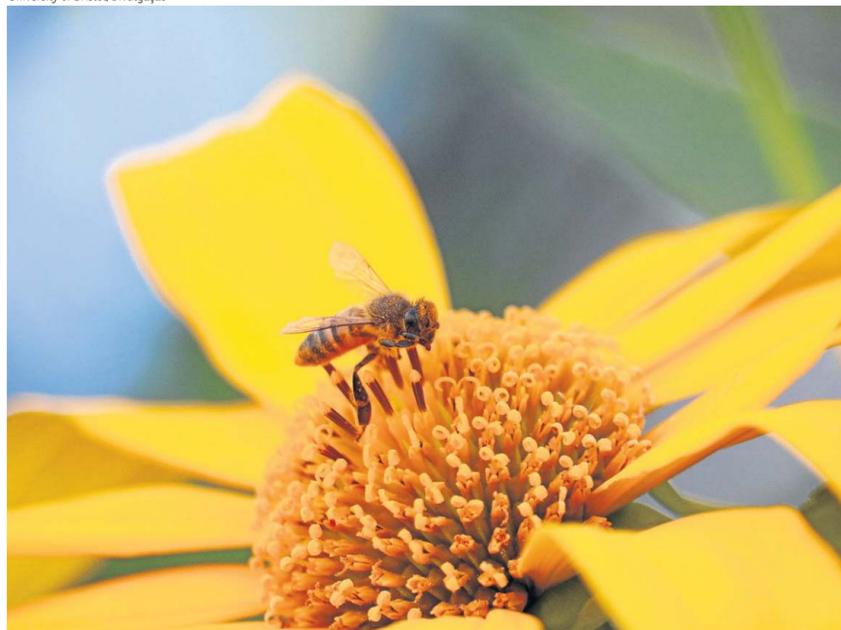
Os pesquisadores analisaram um grande conjunto de dados sobre a abundância de insetos e a riqueza de espécies em todo o mundo, com 750 mil registros referentes a 20 mil espécies. A equipe comparou a biodiversidade desses invertebrados em diferentes áreas, dependendo da intensidade da agricultura, bem como do aquecimento histórico do clima no local.

O estudo constatou que, em áreas com agricultura de alta intensidade e aquecimento climático substancial, o número de insetos foi 49% menor

do que na maioria dos habitats naturais sem mudanças no clima registradas. A redução no número de espécies diferentes foi de 29%. As áreas tropicais, como a Amazônia, viram os maiores declínios na biodiversidade ligados ao uso da terra e ao aumento de temperatura.

"Trata-se de um estudo importante porque os insetos têm uma gama muito ampla de papéis nos ecossistemas. Além da polinização e do controle de pragas, eles são essenciais para a decomposição de resíduos e nutrientes", destaca Tom Oliver, professor de ecologia da Universidade de Reading, na Inglaterra, ao comentar o artigo. "Com insetos constituindo uma grande proporção da biomassa, eles também têm papéis-chave para apoiar outras espécies da pirâmide da vida, como, por exemplo, fornecendo alimento para pássaros, morcegos e pequenos mamíferos", acrescenta. (PO)

University of Bristol/Divulgação



Invertebrados são essenciais para a segurança alimentar: sumiço prejudica o ser humano